

Bléq blom

RICARDO PINHEIRO PENNA *
Correspondente

A entrada de Sílvio Santos na corrida presidencial transformou o concreto em etéreo, o claro em escuro e o óbvio em perplexidade. Previsões são, agora, tão intelegíveis e fazem tanto sentido, quanto o título do último disco dos Titãs.

A indignação de alguns à entrada do apresentador Sílvio Santos deve ser remetida ao conjunto de eventos que possibilitou o aparecimento desta situação. É, no entanto, um momento na vida política nacional de casuísmos que interessava, pelo menos até alguns meses atrás, a muitos. Hoje, as consequências estão aí. Os eleitores atônitos, os candidatos inquietos e o TSE esbaforido.

Quais são as perdas de cada candidato e a acomodação final depois do susto, são as perguntas para videntes que todos tentam responder e antecipar. Quem ganha o que, de quem — esta é uma questão que parece ter fácil resposta. O empresário da SBT ganha muito de todos. Agora, quem perde quanto, certamente não é uma questão banal.

Algumas regras gerais guiam os especuladores políticos. Até o

porta-voz Lombardi sabe que Sílvio Santos fará estragos mais profundos nos candidatos que tenham muitos votos nos eleitores de baixa renda e escolaridade. O sucesso do apresentador também deverá se concentrar em áreas urbanas que tenham acesso aos chilikques dominicais de Pedro de Lara. Aqueles identificáveis cujas candidaturas tenham um corte ideológico estão protegidos até o limite de sua militância. Os outros que sintonizam a mesma faixa de SS sabem — ou talvez não saibam — que o chão é o limite.

A primeira pesquisa, levando em consideração a candidatura do empresário, foi divulgada em Brasília pelo Instituto Soma — Opinião em Mercado no último dia 29 de outubro. Independentemente da discussão das perdas relativas, é certo que todos perdem. Os resultados em Brasília foram confirmados pelo Gallup no dia 2 de novembro, atribuindo uma queda média aos atuais candidato de 35 por cento com a entrada de SS no páreo.

A confirmação da queda geral não é tão difícil e, talvez, não precisasse de pesquisas de opinião para ser confirmada. A grande dificuldade está na especulação sobre as perdas relativas de cada candidato. Neste sentido, dividiram-se os resultados da última

pesquisa realizada pelo Soma em duas áreas: as de mais alta renda (Plano Piloto, Lagos, Octogonal e Guarã) e as de renda e escolaridade média mais baixa (Ceilândia, Sobradinho, Gama e Planaltina). Os números são expressivos.

Em Brasília, existem dois avanços recentes. O primeiro de Luiz Inácio Lula da Silva que vem crescendo em todas as faixas de renda e hoje ocupa o primeiro lugar nas intenções de voto no Distrito Federal, com 25 por cento. O segundo de Mário Covas, que sobe fortemente junto aos segmentos de maior renda e escolaridade e hoje ocupa o terceiro lugar no Distrito Federal, com 14 por cento, roendo os calcanhares de Fernando Collor de Mello, que hoje reside nos 19 por cento.

Com a entrada do empresário de televisão, as posições se alteram. Sílvio Santos passa a ocupar o primeiro lugar e os demais candidatos perdem parte significativa de seus votos. As maiores perdas relativas estão com Collor, que escorrega 46,6 por cento de seus votos (no Gallup a queda foi de 47,8), os demais — Lula, Covas e Brizola — perdem em torno de 23 por cento de suas intenções de voto (no Gallup a queda média desses candidatos foi de 30 por cento).

O exame da composição relati-

va da queda entre as regiões de alta e baixa renda mostra números bastante diferentes. Nas áreas de classe média e alta do DF a liderança é de Mário Covas que a mantém, mesmo com a entrada de Sílvio. Aliás, no Plano Piloto, Octogonal e Guarã, o empresário ocupa o terceiro lugar, atrás de Covas e Lula. O grande estrago ocorre nas áreas de renda média mais baixa. (Ceilândia, Gama, Sobradinho e Taguatinga). Nessas regiões, aqueles candidatos cujos partidos não tenham uma identificação ideológica nítida, como Collor e Covas, as perdas vão até a 60 por cento de todos os votos.

Os números das pesquisas e dos surveys são indicativos. Números não falam sozinhos, nem garantem o futuro. Quando os eleitores declaram aos entrevistadores dos institutos de pesquisas, que pretendem votar no acionista do SBT apresentam apenas suas intenções. O ato cívico de votar em suas consequências dentro de uma cabina indecifrável podem revelar surpresas. Principalmente porque, para muitos, a operação surrealista de votar em Armando Corrêa para eleger Sílvio Santos é algo simplesmente inacreditável.

* Ricardo Pinheiro Penna é diretor da Soma — Opinião e Mercado